Esse foi meu segundo Natal com a Shimamura.

Bem, digo "foi", mas ainda nem tinha acontecido de verdade.

"Vamos jantar com a família à noite, então, se for durante o dia, tudo bem."

Esses eram os planos da Shimamura para o dia. De alguma forma, eu não conseguia deixar de sentir que tinham sido exatamente os mesmos do ano passado. A família dela era muito importante para ela, não é? Talvez isso fosse o normal? Talvez a estranha fosse eu por não me importar com a minha?

Eu simplesmente não fazia ideia de como interagir com os meus pais. Passei a vida inteira sem me preocupar em aprender, e agora, era tarde demais. Esse não era o jeito certo de lidar com isso, era? Não, não podia ser. E, mesmo assim, era a realidade em que eu vivia. Eu teria que encarar as coisas como elas eram de fato.

Família, hein? Me peguei pensando nisso por alguns instantes.

Será que seria possível que, um dia, eu e a Shimamura nos tornássemos uma família? Se sim, como faríamos isso? Que meios estavam disponíveis pra nós? Adoção? Hmm, não. Isso não parecia certo. Talvez. *Talvez?* Quanto mais eu pensava, mais confusa eu ficava.

Decidi deixar o assunto "família" de lado por enquanto. Afinal, a verdadeira pergunta que eu deveria estar me fazendo agora era sobre como eu iria passar meu tempo com a Shimamura.

Como eu havia notado recentemente, pensar nessas coisas enquanto perambulava por aí estava virando um hábito meu.

O que foi que a gente fez no ano passado? Andamos pelo shopping enquanto eu usava aquele vestido chinês? É, acho que foi isso mesmo.

Que nostálgico.

“Mas... por quê?”

Por que eu escolhi usar um vestido chinês no Natal?

Tentei me lembrar, mas a resposta simplesmente não vinha. O que será que passou pela minha cabeça para eu pegar uma coisa dessas emprestada do meu trabalho? Tipo, sério. O que eu estava pensando? Fiquei a um triz de levar as mãos à cabeça. Só fazia um ano, mas já me parecia impossível entender minhas próprias ações. Eu nem ousava imaginar como os outros me enxergaram. E quanto à Shimamura, ela com certeza foi bem tolerante por não ter ido embora na hora que me viu.

Embora eu, pessoalmente, achasse essa tolerância uma das coisas que a tornavam tão atraente para mim, a verdade podia ser que ela simplesmente não se importava tanto assim com os outros. E comigo? Será que ela se importava comigo? Eu certamente queria que sim. Agora, querer isso não significava que ela tinha que fazer acontecer sozinha, ou pelo menos não só ela. Com certeza devia haver coisas que eu também podia fazer para ajudar. Pensamentos assim

logo enchiam meu coração de preocupação: se eu me vestisse normalmente como todo mundo, será que isso faria com que ela me ignorasse, do mesmo jeito que ignorava os outros?

Talvez... talvez o vestido chinês não tivesse sido uma escolha errada, afinal. Era nisso que eu acabava acreditando — ou querendo acreditar.

Havia muitos momentos — especialmente no inverno — em que eu olhava para a Shimamura e a via cochilando.

Eu sentia que precisava ficar atenta, ou nossos dias acabariam passando num piscar de olhos.

"Espera, não. 'Cochilando' não é bem a palavra certa."

Seria mais como estar exausta. Hmm... Pensando bem, talvez até fosse a palavra certa?

"Enfim..."

Só agora percebi que, de fato, eu pensava muito na Shimamura.

E ela? Quanto tempo do dia dela ela passava pensando em mim?

Cinco minutos? Dez? Supondo que ela estivesse de bom humor, seria razoável esperar até uma hora? É possível.

Dito isso, eu não conseguia imaginar que houvesse algo em mim no qual ela pudesse pensar durante uma hora inteira.

Me peguei olhando para as pontas dos meus dedos. Pareciam tão finos.

Se a Shimamura estivesse ali na minha frente, eu ficaria nervosa? Eu morderia o lábio, meus olhos se moveriam sem parar? O mundo diante de mim escureceria, eu perderia completamente o fio do que estava dizendo? Hmm... Embora esses momentos de pânico fossem intensos, não significava que fossem bons.

Talvez fosse uma boa ideia estabelecer como meta conseguir ficar calma na frente dela.

***

Como seria se a Shimamura descobrisse quanto tempo eu passava pensando nela?

Provavelmente, bem constrangedor.

***

"Natal! Natal!"

A pequena criatura brilhante continuava pulando no mesmo lugar, acompanhada por seu característico grito.

Talvez fosse porque eu tinha acabado de acordar, mas ela parecia muito brilhante para mim, quase o bastante para rivalizar com o sol.

"Bom dia!"

O filhote de leão me cumprimentou do mesmo jeito de sempre. Quanto a mim, respondi apenas virando para o outro lado. O que ela estava tentando dizer? Cristal? Naval? Seja lá o que fosse, eu estava cansada demais para tentar entender.

Enquanto isso, Yashiro continuava pulando alegremente ao lado do meu travesseiro.

"Natal!"

"Ah... Natal?"

A rajada aleatória de vento de inverno que bateu no meu rosto conseguiu ativar meu cérebro o suficiente pra eu chegar a essa conclusão. E, ao fazer isso, fiquei um pouquinho preocupada: será que eu tinha dormido demais e perdido o Natal? Me apressei para checar o relógio. Mesmo que não fosse provável, eu me conhecia o bastante pra saber que era uma possibilidade real. A combinação de fim de semana com inverno, como a que estávamos vivendo, frequentemente se mostrava traiçoeira.

"Ah, parece que tô dentro do horário."

O relógio marcava pouco depois das dez da manhã. Em outras palavras, ainda havia bastante tempo até a hora de encontrar a Adachi.

"É melhor eu começar a prestar mais atenção a isso."

"Sim, sim", Yashiro assentiu. Mas eu não conseguia deixar de sentir que ela não fazia ideia do porquê eu estava olhando para o relógio.

"Enfim... Você tá animada pro dia de hoje também?"

"Com certeza. Tomei conhecimento da existência do Natal."

Ano passado eu não sabia o que era, mas agora sei — ela completou, parecendo bem orgulhosa de si mesma por algum motivo. Não resisti e apertei as bochechas dela por isso.

"Só pra confirmar, você pode me explicar com suas próprias palavras o que é o Natal?"

"É um dia no qual se come bolo."

"Hmm... Bom, acho que tá perto o suficiente."

“Eba”, ouvi Yashiro comemorar, ainda com as bochechas presas entre meus dedos. Só de olhar para ela, eu já me sentia cansada.

"Além disso, a Pequena me disse que um homem chamado Papai Noel aparece e te dá presentes."

"Certo..."

Pelo visto, minha irmã ia passar mais um ano acreditando no Papai Noel. Havia algo meio adorável nisso.

Dito isso, pensando racionalmente, se criaturas estranhas como a que eu estava olhando agora podiam existir, então será que acreditar no Papai Noel e suas renas voadoras era realmente tão absurdo assim? Dei um último beliscão nas bochechas dela antes de soltá-la. E mesmo depois disso, seu rosto continuava tão deformado quanto antes. Será que ela ia ficar assim para sempre? Não consegui evitar de me desesperar um pouco.

"Eu fui muito boazinha este ano, então com certeza vou ganhar muitos presentes."

"Se você diz..."

"Então, me entregue agora, por favor."

Hã? Do que é que ela tava falando? Essa foi minha reação imediata quando a garota estendeu suas pequenas mãos para mim. Coincidentemente, foi também nesse momento que seu rosto voltou ao normal.

Digamos só que eu fiquei feliz e deixemos por isso mesmo.

"Err, é que eu não sou o Papai Noel."

"Correto. Seu nome é Shimamura."

Viu? Não tem nada a ver uma coisa com a outra.

"A Pequena me disse que o Papai Noel vem à noite enquanto você tá dormindo."

"Isso é verdade."

"No entanto, mesmo se você acordar e ver que recebeu presentes, tem que escovar os dentes primeiro antes de abrir."

Ela fez questão de sussurrar, como se o que estivesse me contando fosse algum tipo de grande segredo. Parecia que, para ela, presentes serem comestíveis era algo natural.

"Portanto, cheguei à conclusão de que prefiro recebê-los agora."

"Como eu acabei de te dizer, eu não sou o Papai Noel."

"Correto. Seu nome é—"

"Chega."

"Não me importa de quem venham os presentes", disse a garota com um sorriso.

"Hmm... Bom, acho que tudo bem."

Provavelmente, o Papai Noel da nossa casa não traria presentes para ela de qualquer forma.

"Só pra ter certeza, você tem alguma preferência quanto aos presentes?"

"Eu não me importo com bolo, mas o que eu realmente amo são rosquinhas."

"Entendido."

Talvez eu comprasse algo para ela enquanto estivesse na rua. Isso, claro, se eu não esquecesse.

"O Natal é mesmo legal."

Ela ainda nem tinha recebido presente algum, mas já estava com um sorrisão no rosto.

"Hmm... Não tenho como discordar."

Foi só graças ao último Natal que passei com a Adachi que eu podia dizer isso. Sem ele, minha resposta provavelmente teria sido diferente. Dito isso, considerando o quanto o Natal parecia ser especial para muitas pessoas — Adachi e Yashiro, só para citar algumas — talvez fizesse sentido eu entrar no clima também? Ficar empolgada e sair por aí. A única dúvida era: para onde?

"Tenho que contar isso pra Pequena! Ela vai ficar com tanta inveja!"

Essa foi a última coisa que ouvi da Yashiro enquanto ela corria pelo corredor.

"Hmph. Vai lá."

Aquelas duas se davam bem mesmo, hein? Fiquei me perguntando o que minha irmã teria pedido para o Papai Noel esse ano. No ano passado, acho que foi algo para o aquário dela. Será que dessa vez ela queria algo para a Yashiro? Brincadeira, claro.

Falando em peixes, foi só agora que percebi o quanto a Yashiro se parecia com um anjo-do-mar.

"Então é Natal, né?"

Levantei os braços no ar, tentando me animar. Achei que era quase um dever estar de bom humor no Natal.

A gente comia uma comida um pouco mais caprichada do que o normal, o Papai Noel não aparecia, e depois ficava frio demais para eu sequer considerar sair do quarto.

Era basicamente assim todo ano. Talvez eu tivesse ficado animada nas primeiras vezes, mas hoje em dia, era impossível demonstrar o mesmo entusiasmo da nossa pequena inquilina.

"Todo ano..."

Usei os dedos para afastar o cabelo do rosto, para que não ficasse caindo sobre meus olhos. No próximo Natal, será que eu e a Adachi passaríamos juntas de novo?

Estudantes do terceiro ano como a gente geralmente passavam o inverno se preparando para os exames de admissão, então tinha isso. Não que eu soubesse se a Adachi queria continuar estudando.

Tinha meio que a impressão de que, se eu dissesse que iria para a universidade, ela também iria. E se eu dissesse que não iria, então ela também não iria. Ela gostava mesmo de andar no mesmo ritmo que eu. Em certo sentido, acho que dava para chamar isso de dedicação.

"Quanto a mim..."

Já houve uma época em que eu odiava pessoas assim. Odiava tanto que nem conseguia suportar.

Pensar na versão antiga de mim mesma — sempre amarga, insatisfeita com tudo — me deixava dividida toda vez. Por um lado, aqueles dias me davam uma certa nostalgia, mas por outro, eu queria apagar todas as lembranças da minha mente. A única coisa que eu sabia com certeza era que eu era bem mais enérgica naquela época.

Fiquei alguns instantes encarando o nada, tentando decidir se bocejava ou não.

Enquanto fazia isso, imagens da Adachi e da Tarumi surgiram na minha mente.

***

Realmente não tínhamos muitos lugares para visitar. Tinha o shopping, a estação, e além desses, não havia muito mais. Até o parque estava descartado, pois estava frio demais lá fora. Dei uma rápida olhada no bumerangue que ainda estava na minha prateleira. Mesmo um ano depois, eu ainda não conseguia entender por que a Shimamura tinha me dado um bumerangue de presente de Natal. Tive que imaginar que, se algum dia chegasse um momento em que eu começasse a entender o que se passava na cabeça dela, seria como se um novo mundo se abrisse para mim. A Shimamura era mesmo cheia de camadas.

Com esses pensamentos inundando minha mente, terminei de trocar de roupa, conferi meu cabelo e me afastei do espelho. Esse mesmo ciclo era algo que eu já tinha feito pelo menos três vezes até então — se não mais. Embora isso parecesse bastante, já houve momentos no meu passado em que eu repetia isso mais de dez vezes, então senti que estava definitivamente progredindo.

Não importava o quanto eu tentasse me preparar antes, sempre acabava duvidando da minha escolha de roupa quando o dia realmente chegava.

Isso só piorava por causa do meu hábito de entrar em pânico mesmo quando ainda havia bastante tempo, o que me levava a fugir.

Foi exatamente isso que aconteceu desta vez também. Quando me encontrei na sala, acabei dando de cara com minha mãe, que havia acabado de chegar pela porta da frente alguns momentos antes. No ombro, ela carregava uma bolsa

grande, a mesma que eu frequentemente via ela levar quando saía de casa. Nossos olhos se encontraram. Havia algo muito peculiar no olhar daquela mulher, e por um momento, fiquei sem saber como responder.

“Você vai sair?”

“...Vou.”

Minha resposta foi recebida com um suspiro desinteressado. Parecia que nós duas achávamos essa situação igualmente desconfortável.

E ainda assim, o que aquela mulher disse em seguida não poderia ter me surpreendido mais.

“Seja gentil com aquela garota, tá?” ela falou, se virando e saindo da sala em direção ao próprio quarto. Porém, não passou muito tempo até a porta se abrir novamente, só para ela espiar a cabeça e dizer o seguinte: “E essa roupa?”

“É que...”

Antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa, ela já tinha sumido — dessa vez, de forma definitiva. *Quanta inquietação para um dia só, sério.*

Nem tive chance de perguntar de qual garota ela estava falando. Para mim, a única que vinha à mente era a Shimamura, mas será que era mesmo ela?

Eu nunca a tinha levado para nossa casa. Quer dizer, claro, teve aquela vez que ela me acompanhou até a porta, mas não era como se tivesse acontecido de encontrar minha mãe naquele momento. Onde mais as duas poderiam ter se encontrado? Nada vinha à cabeça. Talvez minha mãe a tivesse confundido com outra pessoa? Isso poderia explicar, mas aí o problema era: com quem? Eu realmente não tinha mais ninguém além da Shimamura.

“Hmm... Bem, acho que não importa.”

Imitando certa pessoa, decidi desistir por enquanto. Feito isso, saí de casa e subi na minha bicicleta.

O céu estava totalmente limpo, sem nuvem alguma, quando comecei a pedalar.

***

"O que você quer almoçar?"

"Na verdade, eu estava prestes a sair."

"Sério? Que bom ouvir isso. Da próxima vez, tenta dormir até depois do café da manhã, tá?"

Rindo sozinha, minha mãe começou a dar umas tapas leves na minha cabeça.

"Para com isso. Eu já te disse que ia sair."

O penteado que eu tinha me esforçado para arrumar estava rapidamente ficando despenteado. Por um instante, pensei em voltar e ajeitar, mas achei que

era muito trabalho e desisti. Qual o sentido se o vento lá fora ia estragar de qualquer jeito? Mesmo assim, afastei a mão da minha mãe.

Encostada na parede do corredor, os olhos dela se desviaram.

"Saindo no Natal, hein? Com um rapaz?"

"Como é?"

"Hougetsu, você sabe o que eu quero dizer, né? Já está na idade, sua mãe precisa começar a perguntar."

Tinha algo no tom dela que soava como se estivesse falando com um bebê. Claro que ela também estava se metendo onde não devia, mas, por algum motivo, isso me incomodou bem menos.

"A resposta é não."

“É uma moça então?”

“Foi essa conclusão que você conseguiu tirar?”

Não que eu achasse que ela estivesse errada.

“Só vou sair com a Adachi. Só isso.”

“Adachi? Hmph.”

Qual era o motivo desse “hmph”? Eu achava que o fato da pessoa em questão não estar presente não era desculpa para esse tipo de comentário rude.

“Vocês duas se dão muito bem, né?”

“Acho que sim”, respondi vagamente, enquanto mexia num fio de cabelo que havia se enrolado na minha orelha. Será que um dia eu conseguiria ser honesta com meus pais sobre o meu relacionamento com ela? Eles tinham um lado bem compreensivo, e eu tinha a sensação de que poderiam aceitar isso de forma surpreendente — assim como eu mesma havia aceitado a Adachi e começado a passar tempo com ela.

“Você se diverte com ela?” perguntou minha mãe, agora com os braços cruzados e sem mais se apoiar na parede.

“Divertir? Hmm. Eu diria que é mais como...”

Procurei rapidamente uma expressão alternativa para usar. Enquanto fazia isso, minha mente voltou para a conversa que tive com a Panchos durante a viagem escolar. De forma alguma eu via nosso tempo juntas de forma negativa. Diante disso, a questão passou a ser: o que eu achava disso? Por algum motivo, não conseguia responder essa pergunta.

“Adachi sempre parece estar se divertindo, então acho que isso já é suficiente?”

Sem conseguir encontrar uma resposta, acabei invertendo a pergunta. Em termos de resposta, como será que essa se classificaria? D, talvez? Gostaria de pensar que era pelo menos melhor que um F direto.

“Você diz que a Adachi parece estar se divertindo? Sim, sim.”

Embora houvesse algo nas palavras dela que sugerisse um significado mais profundo, decidi relevar, pensando que ela provavelmente estava agindo daquele jeito de propósito.

Claro, não demorou muito para que ela mudasse de assunto.

“A família dela não comemora o Natal?”

Por que será que ela falou assim? Pouco depois, me caiu a ficha de quem era a pessoa que a Yashiro estava imitando.

“Não sei. Se eu tivesse que chutar, diria que não.”

Parece muito improvável, considerando a personalidade da mãe da Adachi e a relação entre elas. Isso me lembrou que eu nunca tinha ouvido nada sobre o pai dela. Bem, provavelmente não; por mais que eu quisesse dizer que não poderia esquecer algo assim, infelizmente eu não tinha confiança suficiente na minha memória para garantir isso.

Suponho que ele simplesmente não estivesse muito em casa e, por isso, não deixasse muito sinal de presença.

No fim das contas, ainda havia uma quantidade surpreendente de coisas que eu não sabia sobre a Adachi.

“Bem, nesse caso, se ela não tiver outros planos, por que você não traz ela aqui depois que terminar?”

“Quem? A Adachi?”

“É. O jantar fica mais divertido quanto mais gente tem por perto.”

Essas foram as palavras da minha mãe para mim. Supondo que todas essas pessoas se dessem bem, então sim, eu tenderia a concordar.

O problema era que, do jeito que ela falou, essa parte claramente não era algo com que ela se importasse muito.

Embora eu mesma não conseguisse imitar, suponho que deve haver pessoas por aí para quem esse tipo de positividade é muito útil.

“Vou perguntar pra ela.”

Um sorriso se formou no rosto dela quando eu disse isso.

“Acho que eu vou fazer o mesmo então.”

“Hmm? Você vai trazer alguém também? Quem?”

“Hehe. Desculpa, mas isso é segredo.”

“Você sabe que não fica fofa quando faz isso, né?”

Esse comentário claramente não foi bem recebido, e eu levei uma leve patada na canela.

“Eu também tenho relacionamentos, muito obrigada. Mas é, enfim, aguarde.”

“Podemos falar sobre o fato de que você me chuta quando não consegue mais continuar a conversa normalmente?”

“Você melhorou na arte de desviar, isso eu posso dizer.”

“Bom, obrigada.”

“Só que só quando se trata dos seus pés.”

“Cala a boca.”

Foi então que ouvi passos leves ao meu lado. Virei a cabeça e vi Yashiro correndo em alta velocidade para a cozinha com as mãos estendidas à frente. Minha mãe também a percebeu e rapidamente foi atrás dela, seguida por Yashiro sendo jogada no corredor e rolando no chão. Tudo isso em questão de segundos. *Realmente, que casa estranha era essa em que morávamos.*

Essa barulheira teria me deixado completamente louca no ensino médio, mas agora eu só achava relaxante.

Se eu tivesse que descrever a sensação, diria que era como aproximar a mão de um aquecedor que acabou de ser ligado.

***

“Oh, minha nossa. Que reviravolta nostálgica.”

Essas foram as primeiras palavras que Shimamura me disse quando apareceu no lugar onde havíamos combinado de nos encontrar.

Escolhi encarar isso como um sinal positivo. Por quê? Porque mostrava que ela ainda se lembrava.

Era claro, ao olhar para a Shimamura, que muito pouco do que aconteceu havia ficado de fato com ela, e ainda assim, no meu caso, ela fez uma exceção.

Dito isso, a felicidade não foi a única sensação que experimentei naquele momento. Também senti vergonha. *Muita*.

Escolhemos nos encontrar embaixo da enorme árvore de Natal localizada no centro da praça logo além da entrada do shopping. A quantidade de pessoas ao nosso redor rivalizava com a de uma grande estação de trem da cidade, o que fazia o ar parecer tão quente como se alguém tivesse aumentado o aquecedor em dois níveis.

Havia pais com seus filhos, homens e mulheres, e também mais de um punhado de casais femininos espalhados.

“É esse o tipo de roupa que você sempre usa no seu tempo livre, Adachi?”

“Ah, não. Sinceramente, não sei nem por que escolhi isso...”

Depois de tanto tentar escolher outra coisa e falhar, me vi novamente usando um vestido chinês. A única diferença é que, dessa vez, eu não tinha emprestado o vestido que usava no trabalho, mas sim, tinha comprado um. Ou seja, era meu. Eu mesma comprei um vestido chinês. Pensei muito nessa decisão.

Ou será que pensei? Será que eu realmente estava pensando?

“Não que eu esteja reclamando. Acho que fica ótimo em você. Além disso, como não tenho muitas oportunidades de ver, dá uma sensação meio especial toda vez que vejo.”

Shimamura continuou me olhando intensamente enquanto falava. Era como se ela tentasse observar o vestido de todos os ângulos. Envergonhada, tentei usar meu casaco para escondê-lo, mas ela agarrou meu pulso, me impedindo. Isso colocou Shimamura numa posição que quase parecia que ela tentava dar uma espiada por baixo do meu casaco. Nem preciso dizer que achei tudo isso extremamente embaraçoso. Senti meus olhos girarem como sempre acontecia.

“Que sorte. Outro dia mesmo eu estava pensando quando ia ter a chance de te ver usando um vestido chinês de novo.”

“Hã?”

“Hmm.”

Sem aviso, Shimamura usou o dedo para traçar a fenda do meu vestido. Isso me fez pular de susto. Ainda segurando meu pulso, Shimamura acabou sendo puxada junto, e nos momentos seguintes parecia que estávamos dançando. *Dançando mal*. Levantei a cabeça para olhar para ela e vi que estava sorrindo.

Depois que parei de pular, Shimamura rapidamente pediu desculpas.

“Desculpa, desculpa. Te assustei?”

“Err, não. Não, você não me assustou...”

O que era essa vermelhidão que subia lá do fundo do meu peito? Eu quase podia ouvir meu coração batendo forte nos meus ouvidos.

A coisa não melhorava, e eu tinha a sensação de que logo minha cabeça ia começar a latejar.

Minha meta para o ano que vem? Conseguir não surtar na frente dela. *Sério.*

Quanto a este ano, infelizmente já era tarde demais.

“Mesmo assim, Adachi. Acho que você fica muito mais interessante assim.”

“I-Interessante? Assim?”

O que ela disse não fazia nenhum sentido para mim. Optando por não se explicar melhor, Shimamura continuou sorrindo.

Provavelmente ela mesma não tinha muita certeza do que quis dizer.

Ainda assim, se a essência daquilo era que ela me achava interessante... Então, será que eu podia ficar feliz com isso?

Eu não sabia, e não havia tempo para pensar. Também tive que focar no presente.

“Err... Você se importa se a gente der as mãos?” sugeri, ao mesmo tempo que estendia para ela a mesma mão que ela segurava até poucos momentos atrás.

Finalmente, eu tinha aprendido a fazer isso assim, ao invés de perder o controle e pegar a mão dela pela força. Eu não estava mais em pânico. Estava calma. *Calma*. Shimamura tinha vindo aqui só para me ver. Ela era minha namorada. Não havia absolutamente nenhuma razão para eu entrar em pânico.

Eu tive que repetir isso para mim mesma tantas vezes para conseguir chegar até aqui.

“Claro. Por mim tudo bem.”

Como de costume, Shimamura pegou minha mão sem a menor hesitação. As pontas dos dedos dela estavam um pouco frias ao toque, frias o suficiente para eu supor que ela não tinha segurado a mão de ninguém antes de vir até aqui. Um suspiro de alívio escapou da minha boca.

Com nossos dedos entrelaçados, nós duas começamos a andar. A direção que Shimamura escolheu para nós estava alinhada com as luzes dos letreiros dos restaurantes.

Antes de mais nada, eu gostei de verdade do fato de podermos segurar as mãos como se fosse algo normal. Eu realmente gostei. *É claro*. Dito isso, eu estaria mentindo se não mencionasse que havia uma parte de mim que se perguntava se o jeito como estávamos fazendo aquilo não era talvez um pouco casual demais. Tipo, será que nosso relacionamento tinha começado a... qual era a expressão que eu procurava... esfriar? Shimamura especificamente estava olhando ao redor procurando um lugar para comer de um jeito que parecia que ela não ligava muito.

Nossas mãos continuaram se movendo para cima e para baixo entre nós.

“Diga, Shimamura. Você já se sentiu... envergonhada antes?”

“Hmm? Claro. Duvido que exista alguém por aí que nunca tenha.”

“Na verdade, espera. Acho que pode até ter”, ela acrescentou rapidamente. *Estaria ela pensando em alguém específico?*

“Ah, isso me lembrou de uma coisa. Você se importa se a gente for comprar rosquinhas primeiro? Sinto que se eu deixar pra última hora, vou acabar esquecendo.”

“Rosquinhas?”

“Sim. Uma certa criatura estranha me pediu pra comprar algumas. Disse que é tudo o que ela quer de presente de Natal.”

“Hahaha”, ela riu de um jeito meio irônico. Eu meio que senti que agora sabia em quem ela estava pensando.

“Hmm?”

Aquelas pensamentos de ressentimento aparentemente se manifestaram como uma pressão nas pontas dos meus dedos, porque de repente Shimamura virou a cabeça na direção das nossas mãos. Comparada às dela, a minha estava um pouco mais pálida. Meus dedos também eram um pouco mais longos que os dela. Parte do motivo de eu estar segurando tão firme era para diminuir essa diferença.

Sem dizer nada, Shimamura levantou o olhar e voltou a observar o entorno. Era quase como se, para ela, coisas como as luzes de Natal chiques e o carro vermelho exposto no meio do caminho fossem apenas partes comuns do mundo.

Quanto a mim, continuei a observá-la como sempre.

Shimamura realmente era tudo o que eu pensava, não era?

Houve um tempo no meu passado em que chegar a essa conclusão estaria muito além das minhas capacidades. O fato de que agora eu conseguia mostrava que, finalmente, minha mente estava começando a se acalmar.

“Shimamura. Com que frequência você pensa em mim?”

“Hã?”

Enquanto olhava os vários outdoors, Shimamura rapidamente voltou sua atenção para mim. Ela fez isso tão rápido que parecia que os olhos iam sair das órbitas.

“Com que frequência, tipo...?”

“Tipo... meu nome alguma vez passa pela sua cabeça?”

“Claro que passa.”

Ela estava levando tudo isso com uma calma incrível. Por outro lado, acho que o fato de eu ver assim dizia mais sobre mim do que sobre ela.

“M-Mas, com que frequência exatamente?”

“Ah, entendi. Nesse sentido. Hmm...”

Ela franziu a testa e coçou o queixo.

“Desculpa, mas eu não tenho contado direito.”

Honestamente, achei que essa foi uma resposta bem justa. As pessoas normalmente não costumam pensar tanto no que se passa na própria cabeça. Enquanto eu vinha fazendo isso desde que nos conhecemos e, por isso, podia dizer facilmente, suponho que o mesmo não fosse verdade para a Shimamura. Uma parte de mim desejava que ela também fizesse isso, mas, ao mesmo tempo, não era como se eu pudesse obrigá-la.

Tínhamos acabado de chegar na loja de rosquinhas quando Shimamura me perguntou o seguinte:

“Será que eu pareço tão desinteressada pra você, Adachi?”

Sim, eu estava prestes a responder no impulso antes de engolir as palavras rapidamente. Mesmo assim, parecia que só minha expressão facial já tinha sido suficiente para passar a ideia geral.

“Então isso não é bom. Agora meio que me sinto mal. Tipo, muito mal mesmo.”

Será que ela realmente não percebia como o tom desinteressado da voz dela contradizia completamente o que ela estava dizendo? Era quase como se ela estivesse lendo um roteiro ou algo assim. Dito isso, talvez tudo isso fosse simplesmente parte do charme da Shimamura... Na hora em que esse pensamento passou pela minha cabeça, soube que era fim da linha para mim.

“Não, não. Não foi isso que eu quis dizer de jeito nenhum...”

Com força, balancei a cabeça de um lado para o outro. Ela pensava muito em mim, e eu sabia disso.

“Hmm... Tudo bem. Vamos sentar um pouco, que tal?” sugeriu Shimamura, apontando o dedo na direção de uma loja de rosquinhas próxima. Pela janela, eu conseguia sentir o cheiro de algo doce, misturado com o cheiro de comida chinesa, que também pareciam servir na hora do almoço. Embora eu mesma nunca tivesse ouvido falar dessa prática, a razão para isso talvez fosse simplesmente o fato de que normalmente eu nunca vinha aqui nessa hora do dia.

Além das rosquinhas que íamos comer ali na loja, Shimamura comprou três para levar. Uma para a irmã dela, e uma (ou duas) para aquela criatura estranha, eu acho? Depois de colocá-las na bolsa, ela soltou um suspiro como se tivesse se dado conta de algo, antes de se virar para mim.

“Q-Que foi?”

“Eu esqueci completamente de te comprar um presente de Natal.”

“Que chato. Eu até me lembrei no ano passado”, ela acrescentou com um tom de voz bem arrependido.

“Ah, err... Eu também não comprei nada pra você...”

Eu estava tão ocupada escolhendo o que vestir que acabei esquecendo também.

“Sério? Então isso é perfeito.”

“É mesmo?”

“Vamos comprar algo juntas depois que terminarmos de comer.”

“Ah... Sim. Vamos fazer isso.”

E assim, um plano foi formado. Talvez essa fosse, afinal, a melhor forma de as coisas terem acontecido. Eu frequentemente sentia que era muito difícil encontrar coisas para fazermos juntas. E ainda assim, apesar desses sentimentos, eu queria compartilhar meu tempo com ela. Talvez isso, por si só, fosse o que se chama de afeição?

Ambas carregando bandejas, começamos a procurar uma mesa vaga. Embora normalmente houvesse muitas, hoje a loja estava absolutamente lotada. Pelas vozes agudas das crianças, parecia que muitos dos clientes eram famílias. Nós nos esquivamos delas e, finalmente, conseguimos um lugar perto das janelas.

Mas assim que nos sentamos, ficou claro por que ninguém tinha escolhido aquela mesa — ela ficava perto da saída de emergência, e um vento frio soprava direto nos meus ombros e cotovelos.

Por outro lado, considerando que minhas bochechas estavam praticamente ardendo naquele momento, talvez isso fosse até uma coisa boa?

“Escuta, Adachi. Eu te amo. Claro que amo.”

Mal tínhamos nos acomodado quando Shimamura disse aquilo. Embora o tom dela fosse bem casual, o conteúdo do que dizia não era nada disso. Ela estava me declarando seu amor. Simples assim.

“E... entendo.”

Minha tentativa de me manter a mais calma possível resultou em tropeços nas palavras, não uma, mas duas vezes.

“Mas, se eu não conseguir transmitir isso direito, então significa que eu também tenho trabalho a fazer.”

“Ah... Pode continuar, por favor?”

Não parecia algo ruim, por isso respondi assim. Shimamura respondeu com um leve aceno antes de pegar sua rosquinha da mesa. Ela não comeu a rosquinha inteira, apenas quebrou um pedacinho da cobertura de chocolate e jogou só esse pedaço na boca. Parecendo satisfeita com o doce, um sorriso suave então apareceu em seu rosto.

Minha boca ficou aberta, e eu fiquei olhando para ela.

“Pra mim, é a ponto de eu não achar que conseguiria viver sem você. É o quanto eu... ... você.”

Acabei ficando sem fôlego no meio da frase, e no final, minha voz estava tão baixa que mal dava para entender o que eu dizia.

“Desculpa interromper quando você está todo apaixonada, mas pode repetir a última parte? Acho que não entendi direito.”

Shimamura, por sua vez, não teve piedade. Me encurralou com seus olhos grandes e o sorriso radiante.

“Sua malvada.”

“Não, não. Não é isso. Eu realmente quero ouvir tudo o que você tem pra dizer. Tudo.”

“Às vezes, pode ser difícil pedir pra repetir uma outra hora”, ela acrescentou, desviando o olhar por algum motivo.

“Então, por favor. Continue. Estou ouvindo agora.”

Como para enfatizar o que dizia, Shimamura afastou o cabelo e expôs suas orelhas. Então, sem nem tocá-las, elas começaram a se mexer sozinhas. Fiquei, no mínimo, chocada. Essa reação deve ter transparecido no meu rosto, e, parecendo um pouco confusa, Shimamura me perguntou:

“Hmm? Aconteceu alguma coisa?”

“É que... você consegue mexer as orelhas. Nunca vi ninguém fazendo isso antes.”

“Sério?”

Shimamura mexeu as orelhas de novo, mostrando que não era algo com que ela se preocupasse muito.

“Minha irmã também consegue. É mesmo tão raro assim?”

“Provavelmente.”

“Você não consegue, Adachi?”

Embora eu achasse que provavelmente seria inútil, ainda assim fiz o que ela pediu: puxei meu cabelo para trás e mostrei minhas orelhas para ela. Agora, como era para eu mexê-las? Tentei tensionar a parte de trás da minha cabeça, mas não teve nenhum efeito nas orelhas. A única coisa que consegui foi deixar meu rosto vermelho. Observando, Shimamura deu uma mordida na sua rosquinha.

“Bem, acho que é justo que eu te vença em alguma coisa de vez em quando.”

O sorriso que apareceu no rosto da Shimamura mostrava claramente que ela estava muito satisfeita.

Quando foi que eu tinha vencido ela? Quando jogamos pingue-pongue?

Tenho uma lembrança clara de ter ganhado a maioria dessas partidas. Fora isso... nada veio à mente. Pensando bem, parecia que eu era sempre a perdedora. Passar a maior parte dos meus dias obcecada pela Shimamura tinha que ser um sinal de derrota, com certeza.

“A gente acabou se desviando bastante do assunto.”

“É.”

“Então, o que você tava dizendo? Por que é que você não consegue viver sem mim?”

Com a rosquinha pela metade na mão, Shimamura trouxe a conversa de volta ao assunto original. Não tinha como escapar.

Não que eu tivesse esses pensamentos antes. Nunca. Eu nunca fugiria dela.

Inspirei um pouco do ar doce e claro ao nosso redor. Ali, como se estivesse rangendo os dentes da frente, forcei as seguintes palavras:

“É porque... eu te amo muito.”

“Ah, acho que ouvi direito da primeira vez então. Desculpa, desculpa.”

“Eu sabia que você só estava sendo malvada...”

“Hehehe.”

Havia algo muito infantil na forma como Shimamura riu. O objetivo dela claramente era deixar o assunto de lado, e para surpresa de ninguém, esse método dela funcionou maravilhosamente comigo. Era tão injusto. Horrivelmente injusto. Por quê? Ela normalmente nunca se abria para os outros, e eu me perguntava: será que o fato de eu sentir que estava espiando seu coração era a razão de eu me sentir tão atraída por ela?

“Tenho que dizer, acho que estou começando a me acostumar com isso.”

Shimamura olhou ao redor antes de soltar outra risadinha.

“Então, você me ama, né? Sim, sim.”

“P-Por que você tá balançando a cabeça assim?”

“Ah, não. Não me entenda mal. Eu não duvido do seu amor. Nada disso.”

Eu pude sentir o sangue subindo às minhas orelhas quando ela disse isso.

“É só que... como posso dizer... é como se você estivesse deixando sair algo bonito, algo vermelho, algo redondo.”

“Vermelho...”

Será que eu realmente ia ficar vermelha toda vez?

Suponho que fosse possível.

Minha alma certamente sentia isso.

E mesmo assim…

“Mas, Shimamura. Você diz que conseguiria viver bem sem mim. Isso é meio... deprimente.”

“Deprimente? Sério?”

Essa foi a única palavra que consegui encontrar para descrever o que eu sentia. Era como cavar um buraco e depois afundar nele. Quanto ao motivo disso, a resposta provavelmente estava no fato de que, para mim, Shimamura era tudo o que compunha o meu mundo.

No caso de qualquer tipo de isolamento dela, tudo o que eu podia fazer era ficar deprimida — afundar.

Ainda bem que eu não vivia numa planície.

“Hmph.”

Foi a primeira reação da Shimamura. Soou como se ela só quisesse soltar qualquer coisa. Para apoiar essa teoria, alguns segundos depois ela acrescentou:

“Pode ser.”

Ela não disse isso à toa. Não, estava claro que esses eram seus verdadeiros pensamentos.

“Eu costumava ter muitos amigos no passado que quase não vejo mais. E, mesmo assim, minha vida continua. Se algum dia isso acontecer, sinto que o mesmo aconteceria com o nosso relacionamento também.”

Ela então levantou lentamente a mão direita — a mão que eu não estava segurando no momento.

Seus dedos agarraram o nada, e depois soltaram… só para então ela segurar minha mão mais uma vez, e muito mais firme desta vez.

“É por isso que eu preciso me esforçar pra não te perder. Pra reprimir a parte de mim que... Sim. A parte que acha tudo incômodo.”

“Incômodo...”

“Exatamente. Perguntas como, o que eu penso sobre você? Como eu quero que a gente seja? Não posso simplesmente ignorá-las e fingir que não importam. Quando isso vira hábito, você nem percebe quando as coisas começam a desaparecer.”

“Isso é algo muito triste”, acrescentou Shimamura.

Embora ela tenha rido, também parecia um pouco triste por trás.

Estaria ela relembrando uma experiência parecida que aconteceu no passado? Só podia imaginar que sim.

Olhando para ela, um pensamento passou pela minha mente.

Eu nunca quis chegar a um ponto em que ela pensasse em mim dessa forma. Não é um rumo que eu tomaria.

Foi por isso que, naquele momento, essas emoções acabaram me impulsionando para frente. Sempre foi assim, e eu tinha a sensação de que sempre seria.

Simplesmente existiam forças desse tipo agindo entre mim e a Shimamura.

Peguei a mão dela — a que ela não havia estendido. Segurei firme.

A reação inicial da Shimamura foi me olhar com os olhos bem abertos. Um segundo depois, um suspiro saiu de sua boca, seguido por um sorriso suave.

O jeito que ela sorriu era o mesmo de sempre. Ela parecia muito mais madura que eu, me dando a ilusão de que a diferença de altura entre nós havia se invertido.

“Ah, então formamos um anel? Meio inconveniente pra andar, né?”

“Não podemos fazer nada assim,” ela acrescentou, balançando nossos braços para cima e para baixo. Embora o simples ato de olhar diretamente para ela já fosse suficiente para mim, era verdade que havia pouco mais que pudéssemos fazer.

Não pude deixar de sentir que, mais uma vez, eu havia cometido algum tipo de erro.

Dito isso, se eu não tivesse feito nada, jamais teria descoberto que as mãos da Shimamura eram ligeiramente frias ao toque.

“Achei melhor assim, por enquanto...”

As coisas que pudéssemos fazer agora, faríamos agora, e as que não pudéssemos, ficariam para depois. Só isso já era mais do que suficiente.

O simples fato de existir um amanhã me fez sentir grata.

Um amanhã com a Shimamura.

“Hmm... Pensando em você, Adachi, tenho mesmo a sensação de que você vive plenamente o presente.”

“Ah? É mesmo?”

A forma como ela disse aquilo quase fez parecer algo legal. Será que o jeito como eu vivia minha vida merecia essa descrição?

Por outro lado, era verdade que, quando se tratava de memórias, eu certamente carecia delas.

Pelo menos por enquanto, o presente era o único tempo em que a Shimamura existia para mim.

Ela esteve aqui no ano passado, sim. Exatamente por isso não contava como passado.

Não pude deixar de me perguntar se um dia chegaria o momento em que eu poderia compartilhar meu passado com ela.

“As coisas são sempre muito claras com você. Eu não posso dizer que—”

Shimamura estava prestes a dizer algo. Contudo, em vez de terminar a frase, ela simplesmente fechou os olhos.

“Eu estava prestes a falar que não é algo que eu não goste, mas acho que existe uma palavra melhor. Sim, sim.”

Murmurando algo, Shimamura olhou direto para mim, como se estivesse encarando meus olhos. Então abriu a boca.

“Eu te amo, Adachi.”

Foram essas as palavras que saíram.

Logo depois, ela corou levemente e desviou o olhar.

Embora as palavras fossem certamente agradáveis, foi essa reação dela que realmente capturou meu coração e me deixou sem rumo.

“Ah.”

Poucos segundos depois, ela já havia voltado, desta vez com os olhos bem abertos.

“É só olhar pra você que já dá pra saber que é a Adachi Sakura.”

“Hã? O que isso quer dizer?”

Esse comentário sem sentido foi seguido pela Shimamura esticando o braço em minha direção.

Seus dedos já estavam tão quentes que, quando ela me tocou, parecia que minha pele estava derretendo.

“Suas orelhas também.”

Ela beliscou minhas orelhas, depois minhas bochechas.

“Estão todas coloridas como flores de sakura.”

Shimamura riu.

Ela realmente parecia estar se divertindo.

Quanto a mim, provavelmente parecia que tinha sido atingida por uma tempestade violenta de sakura.